

**A CONSTRUÇÃO DE UM “PRESENTE” SOB OS ALICERCES DE UM
“PASSADO”: A RELAÇÃO DA MEMÓRIA DE MIGUEL ARRAES COM A
IMAGEM POLÍTICA DE EDUARDO CAMPOS**

Alex Pereira da Silva
Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da UFCG
Email: aleks1928@hotmail.com

Resumo

Esse artigo busca analisar os usos políticos que o ex-governador pernambucano Eduardo Henrique Accioly Campos fez da imagem de seu avô e, também, ex-governador de Pernambuco Miguel Arraes de Alencar. Dizendo isso, iremos tecer uma interpretação que venha a problematizar a relação de afinidade entre: o embate por uma memória e sua direção à fabricação de uma imagem política, como o título já prenuncia, construindo um presente sob os alicerces de um passado, todavia o primeiro, “revisitando” o segundo, dando-lhe forma, sentido, função... por conseguinte, guiar-nos-emos metodologicamente problematizando os discursos proferidos por Eduardo Campos percebendo-os com intuito de uma marcação identitária numa agenda política em que Arraes já possuía lastro, com a nítida intenção de buscar uma transferência de capital político e simbólico. Os discursos a serem postos sob análise foram cooptados, enquanto Campos era deputado federal, nos arquivos do acervo da Câmara federal e, quando o referido político era governador de Pernambuco, numa coletânea de discursos organizada por uma equipe, liderada pelo jornalista Evaldo Costa, e lançada em 2015 pela fundação João Mangabeira (FJM).

Palavras-chave: Discurso, Memória, Política.

INTRODUÇÃO

Investigar sobre as imagens públicas de figuras políticas trata-se de um tema que agrega em seu âmago certas complexidades, pois essas, somente ganham contornos de legitimidade ou de repulsa frente a um conjunto de referenciais. Seja a relação com o contexto; a aproximação ou afastamento com os centros de poder; a cultura política que emprega sentido a determinadas práticas ou representações políticas; as simbologias ou iconografias que estão inerentemente conexas; as narrativas que agregam ou retiram valorizações, positiva ou negativamente... em suma, podemos elencar diversas variantes que se interconectam a esse campo de atuação imprescindível para a manutenção do

laço de conexão entre estado, instituições e povo que se chama política - do grego *πολιτικός*.

Tudo isso, imerso em complexidades de um movimento não captável com exatidão, não calculável de forma exata, mas dentro de um contexto próprio, com significações, simbologias, narrativas, práticas e representações singulares. Portanto, apesar de existirem referenciais estáticos para definir os passos iniciais de nosso estudo, sobretudo, com as noções de estado e as características que definem os modelos políticos, torna-se imprescindível definir que cada conjuntura em seus aspectos sócio culturais envolvem os elementos políticos fazendo-os possuir vida e existência própria, não copiável ou passível de repetição, em suma, se Thompson (1981, p. 135) definia a história como “desordem racional”, podemos dizer que as relações da política e a emergência das imagens de figuras públicas, nesse campo de análise que colocamos sob observação, possuem semelhança destacável com tal alusão.

Como afirmou Marx (2011, pp.24-25), em seu estudo sobre a figura de Luís Bonaparte frente à imagem de Napoleão Bonaparte, as identidades políticas e os discursos dependem das condições postas contextualmente, que independem das vontades individuais, entretanto, não como um elemento de determinação, mas, como traços interdependentes. Cada imagem é programada, sintetizada, produzida, veiculada através dos meios próprios à estrutura que é presente no contexto (dos veículos da mídia hegemônica ao controle dos meios de produção a que essa imagem se relaciona) e, tem como direção, o tecido social de recepção que emprega-a certo sentido, não necessariamente aquele idealizado a priori e é nesse momento que se inscrevem os grandes atores políticos, enxergando e trabalhando sob essas condições em seu favor, transformando potência (capacidade de exercício) em ações efetivas, logo, em política no sentido mais pragmático do termo. Segundo Balandier (1999, pp. 20-21) esses grandes atores políticos conseguem moldar e utilizar esses subsídios do imaginário social em seu favor, construindo condições para progressão dos elementos que lhes darão mais lastro político.

Diante disso, torna-se imperativo destacar elementos que são mais susceptíveis à apreensão, na história política brasileira, para iniciar a relação proposta como o foco

de nossa abordagem para esse artigo: os usos políticos da imagem de Miguel Arraes de Alencar nos discursos do neto Eduardo Henrique Accioly Campos. Primeiramente, devemos situar o modelo de estado em que vamos inserir nossa discussão: trata-se de uma democracia bastante nova, que passou por um período nebuloso em sua transição política, de uma ditadura civil-militar - que durou 21 anos e onde se desenvolveu “acordos costurados” entre o governo repressivo e forças de enfrentamento após a assinatura da lei da anistia em 1979, juntamente, ao apogeu dos “anos de chumbo” culminando com ascensão de um presidente não eleito com o voto popular no ano de 1985. Foi-se então adotado um modelo “democrático” de caráter minimalista e shumptereano ou liberal democratizante” (MONTEIRO, 2016, p.39), sem a participação popular e teve suas peculiaridades das quais certas figuras públicas passaram a ser de grande imponência, seja como membros efetivos de combate à ditadura civil-militar, ou então, como sujeitos relacionados às antigas oligarquias políticas.

A partir daí, um modelo político democrático aos moldes peculiares que comportava a estrutura social e cultural brasileira fazia emergir em 1985 uma nova abertura democrática. Essa que, em certa medida, oportunizou a fabricação de grandes imagens que batalharam e lutaram por causas que pautaram suas identidades políticas. E, exatamente nessa condição está a figura de Miguel Arraes de Alencar, um cearense que progrediu e construiu sua carreira no estado de Pernambuco e que, em certa maneira, deixou uma forte herança política a que foi dirigida e, muitas vezes, reivindicada pelo neto que após sair de um curso de economia na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) foi para a vida política ativa ao lado e sob a tutela do avô e padrinho político – esse neto era Eduardo Henrique Accioly Campos.

Mediante isso já podemos denotar o início da forte relação entre avô e neto na política pernambucana, especialmente na histórica campanha de 1986 onde Arraes novamente concorria ao posto de governador do estado de Pernambuco. Essa campanha marcava a primeira grande aproximação entre as imagens de Eduardo Campos e Miguel Arraes no cenário público, algo que se tornou quase que um traço intrínseco no contexto da política partidária pernambucana e que se transformou em uma “grande fonte” para o fortalecimento da imagem política de Eduardo Campos, desde a condição de

parlamentar até o ápice de sua trajetória política, em nível estadual, quando cumpriu dois mandatos como governador do referido estado. Mas, apesar das ligações entre as duas imagens serem tão evidentes e de gozarem de vários traços em comum (do partido em que marcaram sua trajetória política institucional o PSB até a incrível coincidência da data de suas mortes: o 13 de agosto), foi-nos possível traçar um plano discursivo muito bem elaborado por Campos para reforçar esse laço usando com grande habilidade a imagem de Arraes que tramitava no imaginário coletivo de Pernambuco em seu favor, por conseguinte, tratemos de analisar algumas alegorias discursivas construídas nas narrativas de Campos para reforçar esse elo com o avô.

1. UMA MEMÓRIA QUE SE FEZ PRESENTE: OS USOS DA IMAGEM DE MIGUEL ARRAES NOS DISCURSOS DO GOVERNADOR EDUARDO CAMPOS

Participando da primeira disputa ao cargo mais relevante do poder executivo do estado Pernambuco no ano de 2006 e conseguindo ser eleito no segundo turno, desta mesma eleição, com mais de 60% dos votos¹, Eduardo Henrique Accioly Campos, possuiu grande protagonismo em suas duas gestões como governador do respectivo estado. Seja por seus feitos, que vieram a fazer Pernambuco progredir materialmente² até a representação simbólica que figurava pela sua imagem, entretanto, tal figuração se nutriu bastante do prestígio que possuía o avô para o estado em que ele governava.

¹ Informação encontrada no link: <<https://exame.abril.com.br/tecnologia/relembre-a-trajetoria-de-eduardo-campos/>>, último acesso dia 29/06/2019.

² É importante ter a composição da imagem de Eduardo Campos, no imaginário social Pernambucano, se inscreve sob um importante impacto de gestões muito bem avaliadas pela população pernambucana – recebendo inclusive o título de governador mais bem avaliado entre os estados, em meados dos anos de 2012-13 (ver in: <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/07/aprovacao-do-governo-de-eduardo-campos-e-de-58-aponta-ibope.html>) com 58% de aprovação – e, com alguns feitos importantes no campo da Educação, como a implementação robusta de um ensino básico integral, de um inexpressivo total de 20 escolas com esse modelo em 2007 à quase 300 em 2013 (Ver in: <https://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2014/08/15/eduardo-campos-educacao-e-ensino-integral-por-anderson-gomes/>) – sem contar os expressivos hospitais inaugurados em sua gestão e outras obras de infraestrutura importantes. Diante do exposto, salientamos que a imagem dessa figura política se sustenta também sobre traços materiais de gestões bem avaliadas algo que, junto aos recursos imagéticos e simbólicos analisados, vem a referenciar uma imagem concretizada em nível de Pernambuco e, em processo de nacionalização no contexto das eleições presidenciais de 2014.

Além de possuir grande ligação entre suas trajetórias, tendo similaridade na agenda política progressista, pertencimento a uma mesma legenda (os dois foram presidentes do PSB), sendo os dois críticos das premissas neoliberais... dentre outras características, indubitavelmente, os usos discursivos de Eduardo Campos sobre a memória do avô na condição de governador de Pernambuco foram de grande importância para a fabricação de uma imagem que se nutriu sob o efeito de uma forte transferência de capital político. Avaliando os usos políticos, feitos por Campos, da memória do avô falecido³ percebemos diversas alegorias a que estão presentes certas imagens de Arraes, portanto, teremos por função discursiva esboçar uma análise problematizando alguns contextos discursivos em que essas falas foram propagadas.

Para tanto, buscaremos executar uma análise discursiva revisionista dos discursos do ex-governador de Pernambuco Eduardo Campos visando contemplar os momentos onde a imagem de Miguel Arraes foi evocada, portanto, procuraremos nos guiar pelos seguintes questionamentos: em que contexto foi evocado o nome de Arraes? Sob qual circunstância? Obedecendo qual função? E possuindo qual sentido, dentro do contexto discursivo tomado como objeto de interpretação e análise? Partindo dessas questões preliminares, busquemos destacar que nosso intuito se debruça sobre a percepção do agente político e discursivo Eduardo Campos, então governador de Pernambuco, em expressão de suas falas: possuidoras de significados simbólicos dentro de uma semântica política em especial; que possuíam significados peculiares para aqueles que receberam o nome (símbolo) de seu avô então falecido e ex-governador de Pernambuco; e, como agentes críticos e interpretativos possuímos a prudência de afirmar que nossas análises poderão, ou não, ir no mesmo intuito do autor dos discursos.

Destacando isso, buscaremos analisar os discursos que Eduardo Campos proferiu enquanto chefe maior do executivo do estado de Pernambuco. Todos esses discursos terão duas bases arquivísticas, primeiramente sob o uso da coletânea de discursos organizadas pelo jornalista Evaldo Costa e equipe, intitulada: *Eduardo*

³ Tendo Miguel Arraes de Alencar falecido no dia 13 de agosto de 2005, Eduardo Campos participou da eleição de 2006 e assumiu em 2007 o posto de comandante do palácio das princesas com imagem de um herdeiro do legado Arraes com impacto singular, pois, o efeito da morte recente possuía poder de engajamento bem saliente.

Campos: os discursos do governador de Pernambuco (2007-2014). Disto isto, torna-se importante destacar que Eduardo Campos utilizava-se ativamente da memória do já falecido avô para diversos fins e sobre variadas condições. Os pronunciamentos apresentam Arraes como uma espécie de porto seguro; agente legitimador da então ascendente carreira; professor; marco memorial; identificação de pautas políticas... enfim, todo um conjunto de aspectos que buscaremos discutir em sequência.

Notadamente, quando falamos dos discursos de Eduardo Campos, tendemos a perder a performance que executava o político em seu teatro de atuação. A entonação de voz, os gestos, a rouquidão quando chegava ao “clímax” de seus discursos, as lágrimas, os olhos brilhando, os sorrisos... se perdem no mar das palavras frias, entretanto, é isso que possuímos para ver os reflexos de um laço emocional que vem a aparecer no palco em que Campos se apresentava. Essa trama de performances criava a comoção e reforçava a imagem de um político que aproximava, ou fazia-se aproximar, sua vida familiar ao grande público. As demonstrações de respeito carinho e afeto ao seu “padrinho político” e avô apareciam quase que de forma espontânea, reforçando assim o laço da memória. Até, por isso, não poderíamos iniciar de outra forma que não fosse com a admiração de Campos sobre a imagem do avô, segundo ele

Duas coisas que não me saem da memória, duas passagens. Numa eu tinha 11 anos de idade – e poucas vezes na minha vida eu vi meu avô falar mal de uma pessoa, não tenho lembrança de um outro momento – quando, na Argélia, ele se referiu a uma pessoa que não tinha se comportado bem em um assunto que envolvia minha avó. Ao terminar de fazer um comentário duro sobre essa pessoa, minha vó, com uma voz muito mansa, disse: “Miguelito quem sabe ele não estava precisando mais do que eu?”, e ele não falou mais no assunto (CAMPOS, 2015d, p.304).

Esse fragmento de um discurso proferido ao ser consagrado cidadão honorário do Crato (cidade da qual Arraes era natural), no dia 9 de setembro de 2011, é, pois, bem revelador. A intenção explícita buscava apresentar os traços de dignificação do homem Arraes, algo para “além do político” que o inspirava, era a personalidade que era apresentada calcada na honra daquele que, segundo ele, não praguejava contra outros a sua volta. Apesar de apresentar uma imagem de dignificação de Arraes, não podemos perder de vista o conjunto de intenções que fazem operar a “máquina política”, algo que vem a dignificar a imagem de Arraes, detentor de um legado político, do qual Eduardo

Campos era o herdeiro “direto e legítimo”. Portanto, para além do véu das aparências, o que se demarcava era uma autoafirmação, de um político já em destaque em seu estado buscando maior repercussão de seu capital político. Em um outro discurso, essa diferenciação entre nós (Eduardo Campos e Miguel Arraes) e os outros (aqueles que se opunham aos dois e suas representações políticas) torna-se bem mais latente. Ao discutir se haveria possibilidade de seu mandato perseguir aqueles que se colocaram como oposição nas eleições, Eduardo Campos se dirigiu da seguinte maneira:

Quem ganha assim tem que governar para todos os pernambucanos, tem que governar olhando para o futuro, tem que governar com largueza, sem mesquinaria, sem vítima, ao longo de nossa história. Eu tive, dentro de casa, o exemplo de Doutor Arraes que ganhou uma eleição em 1962 e foi deposto em 1964. Eu tive o exemplo de ver meu avô deixar o governo, em 1998, e ser perseguido aos 85 anos de idade, e enfrentar com a cabeça erguida as ações de mesquinaria e de perseguição ao cabo de oito anos. O povo de Pernambuco soube dar a resposta da forma que deu. Quem acha ruim ser perseguido não pode achar bom perseguir e ser mesquinho (CAMPOS, 2015^a, p.46).

Esse fragmento de um discurso proferido ao inaugurar mais um trecho da duplicação da rodovia BR-232, na cidade de São Caetano (PE) dia 31 de janeiro de 2008, apresenta-nos mais uma expressão importante sobre a imagem de Arraes a que Eduardo Campos fez uso. O recurso alegórico do ser perseguido ao longo da trajetória familiar, sobretudo com a imagem de Arraes, torna-o com a legitimidade de se prostrar enquanto um político diferente daqueles que compõe os alicerces das estruturas políticas brasileiras, onde a negociata, o nepotismo e a perseguição da oposição são a regra, Campos, encontra um traço de sua vida que ele poderia usar, e como foi citado fez o uso, de uma marcação discursiva que o diferenciou como alguém que “iria governar para todos” sem perseguição, pois, já a conhecia como um trauma familiar.

Aliás, cabe-nos salientar que esse exercício de dignificação da imagem de Arraes pode ser perceptível como uma constante na exposição dos discursos de Eduardo Campos, sobretudo quando existia algum tipo de traço que podia manchar a memória do daquele que, por vezes, se referia como “combatente da velha política” (CAMPOS, 2015d, p.110). Apesar de ser bem antiga, a já mencionada mágoa ou indignação com o caso dos precatórios, Campos chegou a se posicionar sobre ela em contextos

posteriores. Ao participar das comemorações do centenário da cidade de Petrolina, no dia 01 de julho de 2009, se referiu ele assim sobre o tema:

Eu tenho tido uma enorme ajuda do povo pernambucano, que tem me animado, me apoiado, que tem me visto durante dois anos e meio de um governante que é o mais jovem governador da história de Pernambuco, tem sido o governador mais votado da história de Pernambuco e tendo sido um dos pernambucanos na política que mais apanharam, que mais foram agredidos, que mais viram seu líder, o seu companheiro, seu professor, o governador Miguel Arraes passar pelo que passou depois de 1998. E as pessoas imaginavam que eu ia fazer da vitória um olhar para trás, um ato de revide. Não carrego dentro de mim, na consciência dos meus sentimentos, qualquer sentimento que seja menor (CAMPOS, 2015c, p.125).

Apesar de colocar-se como o centro discursivo nesse recorte acima, Eduardo Campos, volta a expressar a antiga indignação acerca da, segundo ele, perseguição que Miguel Arraes e ele vieram a sofrer com os adversários políticos em Pernambuco. O que vem a conferir mais respaldo a questão de herança de um “legado político” se trata da relação para com a oposição que não deveria ser perseguida, como ele e o avô foram. Aliás, uma temática que aparecia com recorrência nos discursos de Campos, se tratava da perseguição sofrida pelo avô, sobretudo, no contexto da ditadura civil-militar brasileira. Durante sua participação em uma caravana, na cidade do Recife dia 1º de abril de 2009, falando sobre a luta pelos direitos civis e democráticos que Campos, com um conjunto de homenagens a aqueles que deram suas vidas contra o golpe, mencionou:

Se estamos aqui hoje, 45 anos depois, em nome dos pernambucanos podemos agradecer ao governo federal, ao estado brasileiro, representado aqui pelo ministro tarso genro, mas devemos afirmar que Pernambuco ajudou de forma decisiva na reconstrução institucional e da democracia brasileira que ainda é muito nova e insuficiente, mas já é muitas vezes melhor que experimentou o governador Miguel Arraes quando foi deposto. (...) por fim, eu gostaria de ler, já que a emoção exige que eu leia, as palavras que Miguel Arraes proferiu aos golpistas de 1964, na presença de Pelópidas Silveira e Celso Furtado (CAMPOS, 2015b, pp.70-71).

A partir dos recursos que nos foram fornecidos por esse pequeno fragmento de um discurso, percebemos a atuação completa do agente político Eduardo Campo, marcando-se no ideário político como aquele que sofreu com a dor do seu “padrinho político” e avô ao ser perseguido pelos ideais que defendia. A colocação de Campos, fê-lo se marcar, pela questão da empatia, como um lutador pela democracia, pela liberdade

dos direitos civis e em uma agenda política da qual seu mentor também era partícipe: uma linha progressista. Colocando-se isso, Campos encerrou esse mencionado discurso com uma leitura emocionada do alusivo texto de Miguel Arraes aos seus algozes e, por fim, a mensagem “Viva Miguel Arraes, Viva Pernambuco, Viva o povo Brasileiro” (CAMPOS, 2015b, p.71). Mas, como já explanamos, a aparição de menções sobre a perseguição à Arraes pelos militares em 1964 era recorrente, aliás um outro exemplo a ser mencionado veio a ocorrer no dia 28 de maio de 2009, no Recife, enquanto discursava para um encontro da Federação Nacional de Agricultores da Agricultura Familiar, quando veio a afirmar novamente sobre a abrupta “interrupção do primeiro mandato de Arraes pelo golpe de 1964”(CAMPOS, 2015b, p.85).

Noutro momento, já em 1º de junho de 2012 – no Recife, durante a instalação formal da comissão da verdade, Eduardo Campos voltou a citar elementos discursivos ligados à ditadura civil-militar e sua trajetória política. Disse ele, em parte de seu discurso:

A procura da verdade não será a procura da revanche. Não nos alimentam sentimentos menores, nem a pretensão de julgar e sentenciar. (...) lembro, neste momento, um homem que, ao longo de toda sua vida, lutou contra todas as formas de opressão. Perseguido, preso e exilado, Miguel de Arraes Alencar nunca se curvou à força dos poderosos. Com ele aprendi os valores democráticos, aprendi a não guardar mágoas e rancores, mas aprendi a resistir e acreditar no povo e no futuro do nosso país. Ao governador Arraes, presto nossas homenagens (CAMPOS, 2015e, p.154).

Em um momento propício, em um evento sobre uma revisão dos ocorridos na ditadura civil-militar, o agente discursivo Campos utiliza-se muito bem da oportunidade para marcar-se em diversos elementos identitários no campo da política. Podemos dizer que nesse breve recorte, ele, se põe como um democrata nato e isso advém das lutas que “herdou de família”, um político com coragem e que possui uma postura, que já mencionamos antes, de não perseguir os adversários políticos. As pautas que recorriam à ditadura civil-militar e as perseguições à Arraes, nas falas de Eduardo Campos, utilizam-se de recursos alegóricos e pragmáticos similares. Através da familiaridade à dor, Campos, empregava vitalidade ao que falava e, segundo o envolvimento pessoal com os fatos, possuía lastro discursivo para usar isso em seu favor, marcando-se como uma grande personalidade política, herdeira de uma história de grandes lutas e com um

olhar simpático a aqueles que mais sofriam, portanto, vemos Campos utilizar-se da memória de perseguições que o avô sofreu com a ditadura como um forte elemento que o diferenciava dos demais políticos, colocando-o como um democrata, que governaria para todos e como um simpático às diferenças. Contudo, não apenas desses recursos se nutriu a imagem de Campos sob a imagem de Arraes, pois, veremos a seguir que os usos discursivos também exploraram muito bem os feitos do avô enquanto governador de Pernambuco.

2. “VEJAM O QUE ELE FEZ”: OS USOS DISCURSIVOS DE EDUARDO CAMPOS DOS FEITOS DO GOVERNO ARRAES

Dentre os muitos elementos discursivos que foram utilizados por Eduardo Campos, através dos feitos do governo de Arraes, com o intuito lhe dar credibilidade para administrar o estado de Pernambuco iremos abordar dois pontos: a eletrificação do estado de Pernambuco e o Programa Chapéu de Palha. Ao Eduardo Campos trazer a discussão sobre o abastecimento em muitas de suas falas, foi possível perceber constantes menções à relação entre o abastecimento e a luz elétrica, juntamente aos feitos de Miguel Arraes enquanto governador de Pernambuco em finais da década de 1980. Partindo da temática da luz elétrica já podemos mencionar dois discursos diferentes em um intervalo de tempo próximo. Primeiramente em um discurso apresentado no Recife, dia 8 de janeiro de 2008, quando Campos falava sobre os benefícios, dimensões e custos do sistema produtor de Pirapama, segundo ele:

No plano de recursos hídricos do estado nós vamos desde uma obra como esta, enorme, enquanto também estamos cuidando de outras de médio e pequeno portes. Desde grandes abastecimentos de água, como este, são até as cisternas que estamos fazendo na zona rural do sertão, que são mais de 10 mil nesse momento. São poços artesianos, são barramentos sucessivos de rios, são pequenos e simples abastecimentos d'água que, quando se somam, vão na meta que nós definimos, de fazer com a água o que há 20 anos o governador Arraes começou a fazer com a energia elétrica e o presidente Lula levou para o Brasil inteiro (CAMPOS, 2015a, p.30).

O nome de Arraes aparece nesse recorte textual como o provedor da iniciativa de “levar” a luz elétrica para os pernambucanos, portanto, um signo da modernização importante para o estado e, discursivamente, o ex-governador aparece como o legitimador para Eduardo Campos em sua iniciativa relacionada de sanar o problema do abastecimento. Em certa medida, o avô teve a iniciativa de levar a luz para os pernambucanos e Campos, teria a responsabilidade de sanar o problema da água, que aliás passou a conviver graças ao fortuito convívio com o avô, afirmou ele que:

[...] quem tinha condições de abastecer de água a população mais pobre controlava o mando do voto, controlava o voto de maneira que muitos, dos mais velhos aqui presentes, conhecem. A população se dobrava àqueles que tinham chafarizes privados. Essa é uma realidade que conheci das histórias que ouvia do governador Miguel Arraes, dos testemunhos que ouvi com ele em muitas comunidades aonde ele pôde levar água, e uma história que eu compreendi depois, nos livros, estudando o desafio dos recursos hídricos no nordeste brasileiro (CAMPOS, 2015a, p.28).

Aparecendo como aquele que apresentou o caminho para Eduardo Campos conhecer a realidade problemática pernambucana, para além dos grandes centros metropolitanos, Arraes, desponta como um político que se aproximava das causas do povo, elemento esse, que Campos buscou inserir como aspecto base de sua agenda política. Aliás as menções aos feitos dos antigos mandatos de Arraes estão muito marcadas nos discursos de Campos, pois, três dias após o referido discurso acima (mais precisamente no dia 11 de janeiro de 2008), na cidade de Santa Cruz do Capiberibe (PE) vemos um discurso semelhante

Houve um tempo em que a gente não tinha energia, em 1987. Em 1987, quando doutor Arraes chegou ao governo pela segunda vez, não tinha energia; o povo se dividia em dois grupos: os que trabalhavam de dia e os que trabalhavam a noite, porque a energia não aguentava a carga das máquinas de costura. E se deu um passo importante com a construção da subestação da Celpe e o fornecimento de energia para todo esse polo (...). no nosso programa de governo planejamos fazer com a água, o que Arraes fez com a energia elétrica em Pernambuco e Lula copiou e levou para o país inteiro [...] (CAMPOS, 2015, p.34).

Uma fala semelhante, aos recortes que já enumeramos mais acima, o que, em certa maneira, só vem a reforçar as formas e as alegorias discursivas das quais Eduardo Campos nutria sua imagem, sob a memória social de Arraes ou o pragmatismo dos

mandatos do próprio, que possuíam latentes recorrências. Todavia, a temática da luz elétrica ainda vem a aparecer em discursos de Campos em muitas outras vezes, das quais podemos destacar uma fala do então governador de Pernambuco ao inaugurar o programa de eletrificação rural no município de Araripina (PE), dia 1 de abril de 2008, no recorte destacado, ele inferiu que

Hoje nós não estamos só lançando um programa para eletrificação das últimas 25 mil propriedades no Estado, junto com a Celpe e o Governo Federal, e que significa um marco: 100% de eletrificação. Isto, para mim, é um momento de muita emoção, porque eu vi isto surgir em Pernambuco, em 1987, quando doutor Arraes discutia com os engenheiros uma solução da energia monofásica para poder levar luz para muitas casas que viviam na escuridão, na zona rural (CAMPOS, 2015a, pp. 121-122).

Inserindo-se no discurso, como aquele que observou e sentiu que existiam dificuldades latentes para aqueles que sofriam com a falta da luz elétrica, e como um dos que participou, junto com Arraes, do processo de eletrificação do estado de Pernambuco, Eduardo Campos, tece uma narrativa de emoção, de legitimação e de autoafirmação direta e indireta, por utilizar-se do recurso alegórico criado pela lembrança dos feitos do avô. Um aspecto que se torna cada vez mais aparente se trata dos feitos de Arraes servirem como legitimação para Campos e, sobre o processo de eletrificação de Pernambuco ainda temos outros discursos dos quais podemos fazer menção, para enumerar a recorrência desses usos discursivos. Durante uma fala em um encontro com representantes da Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadores da Agricultura Familiar (Fetraf), no Recife, em 28 de maio de 2009, Eduardo Campos recorreu a temática outra vez da seguinte maneira:

Sabemos que temos outras frentes de atuação no mundo rural, como a habitação, qualificação dos jovens, todas as questões que nos são muito caras e importantes. Eu falava na reunião que, assim como Miguel Arraes teve preocupação com a eletrificação rural, eu me preocupo com a telefonia celular. Em 2007, apenas 54 municípios tinham acesso a telefonia celular. O telefone celular pode dar impacto positivo muito grande para quem mora na zona rural: é segurança, acesso a informação maneira dos mais jovens receberem informação assistirem a televisão no aparelho, entre outras coisas (CAMPOS, 2015b, p.184).

Apesar de se utilizar da mesma composição alegórica: “Arraes: o precursor da eletrificação do estado de Pernambuco”, vemos nesse breve recorte, uma frente

diferente: assim como Miguel Arraes trouxe o importante signo da modernidade luz elétrica, seu neto, Eduardo Campos, estava comprometido em conectar a excluída frente camponesa que habitava nas partes mais interiorizadas do Estado de Pernambuco com a sociedade em rede. Essa composição discursiva emerge como uma importante marcação identitária de Campos: um político preocupado em disseminar os gracejos da modernidade para aqueles que não possuem possibilidade de gozar desses potenciais, trata-se de um novo anseio: *a comunicação* que mesclado aos antigos (as questões referentes ao abastecimento) o tornavam um político engajado em agendas políticas mais democráticas.

Essa agenda, aliás, não poderia deixar o potencial gigantesco do programa social que mais, ou um dos que mais, marcaram a trajetória política de Miguel Arraes de Alencar: “o programa chapéu de palha”, criado, aliás, por um político que tinha como expressão a conciliação de interesses paralelos ou opostos uns aos outros (CAMPOS, 2015b, p.146), esse programa possuía a intenção de atender às necessidades dos trabalhadores da zona canavieira do estado pernambucano, sobretudo, na época da entressafra. E, percebendo essa grande repercussão e aclamação popular, Eduardo Campos, empregou novas formas pragmáticas a esse programa e fez usos discursivos muito bem elaborados, que o empregaram certo poder de engajamento.

Como primeira menção a ser destacada, sobre o atinente tema, temos um discurso que Eduardo Campos realizou em uma cerimônia de solenidade ocorrida na câmara da cidade de Petrolina (PE), dia 22 de setembro de 2009, no recorte a se destacar afirmou ele:

Quando eu fui a Sindicato dos Trabalhadores Rurais – me reuni com os empresários, mas fui ao sindicato dos trabalhadores – e me foi colocada uma questão, está ali o ex-presidente Francisco Pacheco Chicó, que me perguntou na época: ‘a gente vai passar por toda essa dureza?’ Não, nós vamos fazer aqui como fizemos na agricultura da cana-de-açúcar, a solução que a gente apontou lá, vamos fazer aqui na agricultura irrigada. Criamos o Chapéu de Palha para a entressafra da fruticultura do São Francisco. Agora 10 mil mães e pais de família, que trabalham nas fazendas tiveram um gesto do governo, do nosso governo, pela primeira vez (CAMPOS, 2015b, p.218).

Apesar de se tratar de uma referência ao seu governo, a menção e a funcionalidade do programa adotado, assim como o nome, fazem uma alusão muito

forte ao nome e os feitos de Arraes e isso não foi acoberto por Eduardo Campos, muito pelo contrário. Diversas vezes percebemos algumas referências aos programas de Arraes como uma inspiração da gestão de Campos, até porque o segundo sempre repetia a posição do primeiro como uma espécie de mentor no meio da política partidária pernambucana. Aliás em um outro discurso, muito próximo ao que foi mencionado, mais precisamente dia 7 de outubro de 2009, no município de São José da Coroa Grande (PE) – na inauguração de um mercado público construído no centro dessa cidade, afigurou Campos:

Nós temos que ter disciplina, trabalho. Com humildade, mas com muita disciplina, ir buscar o resultado. Nas escolas de São José a gente sente isso. Quando a gente fez o Chapéu de Palha. Nós recriamos o Chapéu de Palha, que tinha sido criado pelo doutor Arraes. Eu assumi o compromisso e, desde 2007, no período da entressafra, 30 mil pessoas estão recebendo entre R\$190 e R\$250 de bolsa pelo programa (CAMPOS, 2015b, pp232-233).

Vemos, portanto, uma ação afirmativa de Eduardo Campos apresentando o potencial de um programa social fundado por seu avô, inclusive dando-lhe forte simbolismo, em busca de autoafirmação. Apesar de perceber o crédito dado à Arraes na iniciativa de criação do Chapéu de Palha, notadamente, há de se perceber, uma ação de Campos em busca de chamar para si o protagonismo político. Mas, mesmo com essa intencionalidade, o lastro simbólico desse projeto remete-o diretamente à memória de Arraes. Mais à diante na linha temporal, em um outro discurso proferido, dessa vez, no município Buenos Aires (PE) em 9 de outubro de 2009, Campos deu mais evidência ao programa Chapéu de Palha da seguinte maneira:

[...] eu afirmei que, eleito governador, faria o Chapéu de Palha voltar, sim! Por quê? Na verdade, o Chapéu de Palha foi precursor do Bolsa Família, quando doutor Arraes criou lá em 1987. E nós fizemos o Chapéu de Palha não exatamente como foi iniciado no governo do doutor Arraes, mas com aperfeiçoamentos que vieram das sugestões do próprio movimento sindical, da própria militância, das pessoas que percebiam outras buscas: a busca da profissionalização das juventude, um olhar para as mulheres trabalhadoras rurais, esquecido com políticas públicas de capacitação (CAMPOS, 2015b, p.236).

Apesar de buscar apresentar certa diferenciação de seu programa com o Chapéu de Palha criado pelo avô, Eduardo Campos, mostrou-se, nesse último recorte mencionado, em uma posição de valorização do pioneirismo por parte do ex-governador

Arraes. A postura, aliás, adotada para a reformulação do programa Chapéu de Palha que advém de uma prática bem associada a Arraes, constantemente mencionado como professor e mentor político de Campos: saber os problemas do povo, escutar os problemas do povo e saber que a vida política é um constante aprendizado. Sobre essa relação de sentir os anseios dos mais esquecidos pelas políticas públicas, Campos citou uma história que expressa bem essa relação: “a gente gosta daquele que está mais precisando. Se tem um doente, a gente naquele dia gosta mais daquele. Se tem um desempregado a gente busca ajudar ele” (ARRAES apud CAMPOS, 2015b, p. 178-179).

A história que Arraes dizia ter aprendido uma lição, adveio de sua relação com um árabe que conheceu na época do exílio na Argélia, foi proferida em um discurso no município de Timbaúba (PE), dia 21 de agosto de 2009, após Campos assinar um protocolo de intenções para a instalação de uma unidade industrial nesse município; e, ao esboçar essa breve história, ele, mais do que nunca, buscou expressar a quem se dirigia politicamente e com quem aprendeu, trata-se de um enunciado muito forte, sobretudo, para as características do público a que era dirigido esse discurso, imerso em emoções!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar desse trabalho possuir um curto fôlego, no que tange à extensão de suas discussões, foi-nos possível traçar um plano analítico sobre os discursos do ex-governador de Pernambuco Eduardo Henrique de Accioly Campos demonstrando-os numa forte ação discursiva sobre a memória do avô e ex-governador do mesmo estado: Miguel de Arraes de Alencar. Desta forma, torna-se imprescindível a observação do movimento discursivo de fabricação de uma imagem política sob os alicerces da memória social, em certa medida, a imagem de Arraes apresentava-se como imponente no imaginário social pernambucano. Por conseguinte, pudemos traçar um conjunto de

alegorias discursivas pré-selecionadas que Campos utilizava-se da imagem do avô para nutrir-se em uma eventual transferência de capital político à própria imagem.

Dentro das alegorias que foram abordadas tornou-se possível observar a marcação identitária de um político que trazia os elementos próprios mais íntimos à cena pública; as relações e temores frente a um regime de perseguição que vivenciou; as lições que aprendeu com o avô e o que conheceu na companhia dele; os ideais compartilhados; a necessidade de não perseguir por já ter sido perseguido e, como não poderia faltar, alguns dos feitos do governo de Arraes que deram lastro para Campos afirmar o que poderia ser feito em sua gestão. A partir do exposto, percebemos um movimento latente de fabricação de uma memória a serviço de uma imagem política em específico e, por consequência disso, percebemos a relação de desnaturalização da memória junto ao seu pragmatismo em um meio político.

Dito isto, foi-nos possível traçar alguns elementos essenciais que marcaram a imagem de Eduardo Campos através dos discursos proferidos pelo próprio, sem perder de vista, o impacto positivo das gestões muito bem avaliadas. Todavia, esses traços trabalhados apresentam grandes possibilidades para novos questionamentos, indagações e indicações de pesquisa a luz de novos problemas enfrentados em seus múltiplos presentes.

REFERÊNCIAS

BALANDIER, George. O Drama. In: O Poder Em Cena. Tradução de Luís Tupy Caudas Moura. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982, pp.5-21.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. 11. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2011.

CAMPOS, Eduardo. Eduardo Campos: os discursos do governador de Pernambuco: 2007 a 2014. – Fundação João Mangabeira; Evaldo Costa (organizador). Recife, PE: A fundação, 2015a (Vol.2).

_____. Eduardo Campos: os discursos do governador de Pernambuco: 2007 a 2014. – Fundação João Mangabeira; Evaldo Costa (organizador). Recife, PE: A fundação, 2015b (Vol.3).

_____. Eduardo Campos: os discursos do governador de Pernambuco: 2007 a 2014. – Fundação João Mangabeira; Evaldo Costa (organizador). Recife, PE: A fundação, 2015c (Vol.4).

_____. Eduardo Campos: os discursos do governador de Pernambuco: 2007 a 2014. – Fundação João Mangabeira; Evaldo Costa (organizador). Recife, PE: A fundação, 2015d (Vol.5).

_____. Eduardo Campos: os discursos do governador de Pernambuco: 2007 a 2014. – Fundação João Mangabeira; Evaldo Costa (organizador). Recife, PE: A fundação, 2015e (Vol.6).

MARX, Karl. O 18 de brumário de Luís Bonaparte. Tradução de Nélio Schneider. - São Paulo: Boitempo, 2011. (Coleção Marx-Engels).

MONTEIRO, José Marciano. A política como negócio de família: os herdeiros e a força dos capitais no jogo político das elites na paraíba (1985-2015). Universidade Federal de Campina Grande, Tese (Doutorado em Ciências Sociais), 2016.

THOMPSON, Edward Palmer. A miséria da Teoria. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1981.